



Regresso ao Paraíso: O mito adâmico em Walt Whitman e Eugénio de Andrade

PALAVRAS-CHAVE: Paraíso, poesia, Eco-poética, erotismo, Eugénio de Andrade, Walt Whitman.

KEYWORDS: Heaven, poetry, Eco-poetics, eroticism, Eugénio de Andrade, Walt Whitman.

Eden is that old-fashioned House
We dwell in every day
Without suspecting our abode
Until we drive away.
— Emily Dickinson, “Poem 1657”

1. Adão made in America

E se pudéssemos regressar ao paraíso, tal como descrito no Livro de Génesis (2-3), antes da queda dos pais bíblicos? E se o Éden não fosse uma terra utópica e para além da morte, mas sim um lugar no nosso planeta, acessível a qualquer viajante? Ao longo dos séculos, aventureiros, exploradores e peregrinos procuraram localizar o paraíso, um termo que, em aramaico, significa “terra regada e fértil” (Cohen, 2011: 228-229). Regiões como o Iraque, o Golfo Pérsico, a Etiópia, o Líbano e a Mesopotâmia foram associadas ao antigo jardim gene-síaco, mas nenhuma coincidia com a imagem bíblica da terra perfeita (Stackhouse, 2011: 20).

No entanto, em 1492, Cristóvão Colombo, na esteira dos Polinésios, Chineses e Nórdicos, redescobriu um vasto continente que, por erro, julgou ser a Índia. A América do Norte foi sugestivamente descrita como o Novo Mundo, tanto pela paisagem edénica, como por constituir uma terra de oportunidades, para o colonizador, os novos Adão e Eva. No entender dos Puritanos que, em 1630, atravessaram o Oceano Atlântico a bordo do frágil navio *Arbella*, a América correspondia à terra prometida de Canã, uma espécie de versão atualizada do paraíso, que Deus confiava ao ser humano. No discurso *A Model of Christian Charity* (1630), proclamado perante uma centena de peregrinos, o governador John Winthrop

argumentou que a nova terra possuía um destino sagrado: evangelizar e dirigir o planeta (Winthrop, 1996: 10).

Mas um Novo Mundo requeria um Homem Novo, argumentou John de Crèvecoeur (1725-1813), em “Letter III: What’s an American” (1782), parte de uma série de cartas imaginárias de um agricultor estadunidense a um amigo francês, explicando-lhe o que era, afinal, essa nação de nações feita. O Adão americano seria um homem simples, vindo de numerosos países da Europa; democrático e avesso a reis ou bispos; independente, mas solidário (Crèvecoeur, 2007: 54). Para exilados e aventureiros, militares e líderes políticos, as colônias, expurgadas dos pecados da História europeia, representavam um recomeço.

O filósofo inglês John Locke, fascinado perante as possibilidades oferecidas pelo Novo Mundo, afirmou em *Two Treatises of Government* (1821), “In the beginning, all the world was America” (Locke, 2002: 109). Os ameríndios, vistos como Adão e Eva ou os “nobres selvagens”, encaixavam-se nesta ideia de novo paraíso, que se popularizou no pensamento romântico do século XIX. No entanto, tal idealização já vem de longe, desde as primeiras viagens de Colombo, às relações entre os Jesuítas e os paraguaios, passando pelos ensaios de Michel de Montaigne (1533-1592) ou de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) (Cro, 1990: 1-8).

Como testemunham os diários e cartas dos pioneiros norte-americanos, não foram poucos os colonos que, atraídos pela promessa de liberdade e pelo mito adâmico se converteram à maneira de ser dos ameríndios, consagrada pela expressão “to go Indian” (Luchetti, 1996: 116). Todas as razões eram válidas para um homem branco abandonar o modo de vida tradicional e se embrenhar no território indígena. Aí, podia matar a sede de aventura; libertar-se de uma esposa draconiana; ou fugir do castigo da força, depois de um duelo no *saloon*.

A identificação da América com o paraíso bíblico, e do norte-americano com um patriarca inocente permeou toda a literatura e pensamento na outra margem do Atlântico, como nota R. W. B. Lewis, no estudo *The American Adam: Innocence, Tragedy and Tradition in the Nineteenth Century*:

The national and hence the individual conscience was clear just because it was unsullied by the past — America, in the hopeful creed, had no past, but only a present and a future. The key term in the moral vocabulary of Emerson, Thoreau, Whitman, and their followers and imitators consequently, was “innocence”. (Lewis, 1955: 5)

A ficção, sobretudo no século XIX, apresenta uma galeria heterogênea de personagens que, na sua inocência, amor pela natureza e curiosidade, lembram os pais bíblicos. Penso, por exemplo, nesse Adão menino, avesso às tentativas de civilização, que foi Huckleberry Finn, figura saída da pena imaginativa de Mark Twain (1835-1910); nos numerosos rapazinhos afro-americanos, que ignoram as convenções da recém-adquirida liberdade, nos romances de William Faulkner (1870-1932); ou na ingênuo Eva, a jovem Daisy Miller, da novela homó-

nima de Henry James (1843-1916), que contrai uma doença mortal no Coliseu romano, tornando-se, simbolicamente, numa mártir da velha Europa.

No presente artigo, interessa-me refletir acerca da identificação entre América e paraíso apenas num autor, o bardo Walt Whitman (1819-1892). Centrar-me-ei em passos do volume *Leaves of Grass* (1855-1892), que Lewis classificou sugestivamente como “a Yankee genesis: a new account of creation in the world” (Lewis, 1967: 103). Compararei esta visão do paraíso na terra com a que Eugénio de Andrade (1923-2005) tece nalguns poemas seus, com o objetivo de salientar semelhanças, diferenças e relações.

Por vezes, estas ocorrem, num quadro intertextual, que evidencia a estima literária que Eugénio devotou ao autor de *Leaves of Grass*, e a permeabilidade às influências deste poeta epígono. Para tanto, recorro aos principais textos dos autores em cotejo, às interpretações de críticos reputados e, naturalmente, à minha opinião.

2. Walt Whitman e o culto adâmico

Poucos escritores cultivaram e encarnaram o mito adâmico como Whitman, tanto na vida, como na poesia. John Burroughs, na biografia *Whitman: A Study*, descreve-o nestes termos:

There was a look about him hard to describe, and which I have not seen in no other face: a gray, brooding, elemental look, like the granite rock, something primitive and Adamic that might have belonged to the first man; (...) I know not, but I feel the man with that look is not of the day merely, but of the centuries. His eye was not piercing, but absorbing — ‘draining’ is the word happily used by William O’Connor: the soul back of it drew things to himself, and entered and possessed them through sympathy and personal force and magnetism rather than through mere intellectual force. (Burroughs, 2004: 70)

A constituição, a barba e os cabelos compridos, os olhos de um azul puro e o magnetismo sexual assemelham Whitman à figura de um homem bíblico, perfeitamente à vontade na natureza. É uma visão talvez mitificada, mas que não estará longe da realidade, a acreditar nos testemunhos de quem privou com Whitman.

Na década de noventa do século XX, foram descobertas diversas fotos de um homem nu, que numerosas provas indicam ser Whitman, tiradas pelo seu amigo Thomas Eakins, em meados de 1880. Estas mostram um Adão desinibido, em boa forma física, posando com orgulho, para a câmara (Folsom, 1994: 200-201). Não me surpreenderia se o indivíduo em causa fosse, de facto, o bardo de Long Island. Numa entrada do seu diário, *Specimen Days* (1819-1892), Whitman celebrou a pureza da nudez ou, nas suas palavras, “the free exhilarating ecstasy of nakedness”. Mesclou ainda a natureza com a cultura, chegando a considerar que a filosofia helénica derivou do respeito pelo nu: “the whole curriculum of first-class philosophy, beauty, heroism, form, illustrated by the old Hellenic race (...) came from their natural and religious idea of Nakedness” (Whitman, 1995: 104).

O próprio bardo se apresenta, em “Song of Myself”, como um Adão visceral e másculo:

Turbulent, fleshy, eating, drinking, and breeding,
No sentimentalist, no stander above men and women, or apart from them
No more modest than immodest

I speak the password primeval.
(Whitman, 1986: 86)

Esta ideia é reiterada numa das secções de “Children of Adam”, quando se atribui a missão de cantar o paraíso do Novo Mundo: “I, chanter of Adamic Songs, / Through the new garden the West, the great cities calling” (ibid.: 142).

Em minha opinião, o poema que melhor retrata o conceito de Novo Mundo como paraíso intitula-se “To the Garden of the New World”, e constituiu a abertura do conjunto “Enfans d’Adam”, na terceira edição de *Leaves of Grass* (1860), e de “Children of Adam”, na sexta versão da mesma obra, publicada vinte e um anos depois (Oliver, 2006: 221). Trata-se de um hino ao amor como força anímica:

To the garden the world anew ascending,
Potent mates, daughters, sons, preluding,
The love, the life of their bodies, meaning and being,
Curious here behold my resurrection after slumber,
The revolving cycles in their wide sweep having brought me again,
Amorous, mature, all beautiful to me, all wondrous,
My limbs and the quivering fire that ever plays through them, for reasons, most wondrous,
Existing I peer and penetrate still,
Content with the present, content with the past,
By my side or back of me Eve following,
Or in front, and I following her just the same.
(Whitman, 1986: 125)

O eufórico início do texto descreve Adão e Eva regressando ao paraíso, isto é, o oásis das Américas. Tal ascensão torna-se possível através do amor físico, carnal, uma poderosa força cósmica que une o homem e a mulher, indiciada nas expressões: “My limbs and the quivering fire” ou “I peer and penetrate” (ibid.: 125). Não existe, entre estes dois seres, distinção hierárquica de espécie alguma, mas antes uma igualdade plena, como testemunha o sujeito poético.

Whitman rejeita a ideia de pecado bíblico, substituindo a vergonha pelo orgulho; a morte pelo renascimento; a alegada imoralidade do corpo pela euforia do prazer e vitalidade do sexo. Nesta linha, em diversas secções de “Song of Myself”, Whitman iguala o corpo e a alma: “I believe in you my soul, the other I am must not abase itself to you, / And you must not be abased to the other”; “I am the poet of the Body and I am the poet of the Soul”; “I have said that the soul is no more than the body, / And I have said that the body is no more than the soul” (ibid.: 67, 83, 121).

Numa América cada vez mais industrializada, Whitman recria, na sua obra, um paraíso fértil e pastoril; exuberante de frutos e plantas; insetos associados à criação como as abelhas e os escaravelhos, seduzindo os leitores de todas as épocas. Saliento estes versos de euforia erótica, extraídos de “*Song of Myself*”, onde o poeta se assume como um amante pronto a penetrar apaixonadamente a Terra, feita mulher (Killingsworth, 2007: 47):

Smile O voluptuous cool-breathed earth!
 Earth of the slumbering and liquid trees!
 Earth of departed sunset! Earth of the mountains misty-top!
 Earth of vitreous pour of the full moon just tinged with blue!
 Earth of shine and dark mottling the tide of the river!
 Earth of the limpid gray of clouds brighter and clearer for my sake!
 Far-swooping elbowed earth! Rich apple-blossomed earth!
 Smile, for your lover comes!
 (Whitman, 1986: 84)

Perante estes versos, não surpreende que Whitman seja recorrentemente citado em volumes de Ecocrítica, como um escritor atento ao espírito da Terra, às mudanças frenéticas da industrialização, e também à indissolubilidade entre o ser humano e a natureza, tão defendida pelos ambientalistas hodiernos. Um bom exemplo reside neste excerto, onde o poeta afirma incorporar minérios, plantas e animais, num processo que recorda a vegetalização do corpo em Eugénio: “I find I incorporate gneiss, coal, long-threaded moss, fruits, grains, esculent roots / And I am stucco’d with quadrupeds and birds all over” (ibid.: 94).

3. Um paraíso rente à terra

A passagem de testemunho de um poeta para outro faz-se, por vezes, de uma forma tão original quanto simbólica. No texto “*Mediterrâneo*”, Eugénio de Andrade demonstra a estima literária que sente pelo bardo, ao invocar um menino, uma das personagens da secção “*Song of Myself*”:

Como no poema de Whitman um rapazito
 aproximou-se e perguntou-me: O que é a erva?
 Entre o seu olhar e o meu o ar doía.
 À sombra doutras tardes eu falava-lhe
 das abelhas e dos cardos rente à terra.
 (Andrade, 2005: 214)

Qualquer leitor de Whitman sabe que esta folha de erva constitui uma presença dominante na sua obra poética, desde logo no título do volume *Leaves of Grass*, onde coligiu o trabalho, ao longo de quatro décadas. Nesses versos, ora exultantes ora melancólicos, a erva representa a frescura e o renascimento da Primavera; as duas faces da folha simbolizam a unidade de tudo quanto existe; e a abundância do prado evoca, por sinédoque, a natureza e o paraíso.

De facto, a poesia de Whitman surge constantemente na obra eugeniana, por vezes de forma cristalina, em textos como “Mediterrâneo”, “Walt Whitman e os Pássaros”, “O Rapa-zito de York”, “Carne de Amor” e “Washington Square” (ibid.: 214, 289-290, 408-409, 467, 469); outras, de modo mais discreto. Temas tipicamente whitmanianos, como a unidade cósmica, a aversão ao dualismo, ou a recusa do pecado também emergem, num contexto intertextual (Mancelos, 2009: 32-33), como demonstrarei.

À semelhança de Whitman, Eugénio desenha e colore ambientes que evocam a imagem bíblica de um paraíso que, sublinha Arnaldo Saraiva, é tão espiritual quanto “rente à terra” (Saraiva, 2005: 58). No poeta português, o Éden não se situa nos verdes prados de uma América pristina, nem na costa de Long Island, mas sim numa aldeia do Fundão, rodeada de searas e paisagens onde a solitude e o pensamento mais introspetivo se encontram (Lopes, 2001: 18). Neste contexto, Paula Morão descreve Póvoa de Atalaia como o “mundo primevo” ou uma “paisagem fundadora” (Morão, 1996: 147-148), e Arnaldo Saraiva chama-lhe “locus nascendi” (Saraiva, 1995: 43-44). Segundo Eugénio, foi aí que despertou para a essência da natureza, dos afetos e da própria poesia:

(...) passei a infância numa daquelas aldeias da Beira Baixa que prolongam o Alentejo e, desde pequeno, de abundante só conheci o sol e a água. Nesse tempo, que só não foi de pobreza por estar cheio do amor vigilante e sem fadiga da minha mãe, aprendi que poucas coisas há absolutamente necessárias. São essas coisas que os meus versos amam e exaltam. A terra e a água, a luz e o vento consubstanciaram-se para dar corpo a todo o amor de que a minha poesia é capaz. As minhas raízes mergulham desde a infância no mundo mais elemental. (Andrade, 1995: 37)

Nesse Éden, reina o Verão, uma época luminosa e quente (Saraiva, 2005: 58), mas também temperada pela melancolia que não se esgota em si, mas é criativa. O cenário é, tal como na obra whitmaniana, marcado pela abundância de árvores e frutos, e pela omnipresença das abelhas e dos pássaros — gaivotas, pombos, rouxinóis, andorinhas, cegonhas, estorninhos, corvos, tor-dos, cotovias, rolas, melros, falcões, pardais (Ferraz, 2004: 21). Esta fauna é completada pelas cabras e cavalos, símbolos da sexualidade animal e metáforas para o erotismo humano, como assinala António Manuel Ferreira (2004: 59-70). Os seres humanos são escassos na paisagem bucólica e solitária: em vez de Adão e Eva, emergem apenas o Adão-poeta e Adão-pastor, um menino ou jovem, uma espécie de fauno, que Miguel Casado tão bem concretiza na expressão “híbrido de animal e gente” (Casado, 2005: 227). À imagem do paraíso descrito no Génesis, não há aqui lugar para a morte: respira-se adolescência e imortalidade — mas também o ardor sexual e a melancolia que a medicina designa por “post-coital tristesse”. Neste aspeto, a poesia de Eugénio difere dos versos de Whitman, que celebram a euforia do amante satisfeito, em textos como “Out of the Cradle, Endlessly Rocking”, e que Robert K. Martin sintetiza, entu-siasticamente, na máxima “The penis shall rise again” (apud Brasas, 2010: 129).

A parte VIII de *Branco no Branco* (1984) — um dos mais luminosos livros do poeta, traduzido em 2012 para Mandarin — revela a descoberta juvenil do desejo, num cenário legivelmente paradisíaco:

O terraço da casa era o prodígio,
nele passava o vento.
Eu começara a descobrir o corpo e tinha
a luz por confidente.

O tempo pousava devagar nos muros altos,
era verão, na minha insónia
ao mar oferecia os cavalos:
ao tocarm a água gritava de pavor,

ou talvez de amor, já não sei bem.

Viver então
era crescer com uma flor entre os dentes,
aprender a respirar com o perigo

de a pele estalar num clarão a cada passo.
(Andrade, 2005: 355, 356)

Este texto é paradigmático do ambiente edénico na obra eugeniana: o Estio; a juventude infinita; os cavalos e o desejo carnal, elementos também recorrentes em *Leaves of Grass*. São indícios da criação que, segundo Eduardo Lourenço dignifica o corpo e alma, excluindo a noção de sexo como pecado, e permitindo ao ser humano libertar-se do fardo original (Lourenço, 2006: 72).

Do mesmo livro, salientaria outro texto paradigmático, tanto no tema como num estilo simbólico e erotizado, e que revela a forte coesão de *Branco no Branco*:

Concentro os olhos no mais precário
lugar do teu corpo: morre-se
em agosto com as aves:
de solidão.

Neste instante sou imortal:
tenho os teus braços em redor
do corpo todo:
as areias escaldam: é meio-dia.

Do teu peito avista-se o mar
caindo a prumo:
morre-se em agosto na tua boca:
com as aves.
(Andrade, 2005: 363)

Tal como no poema anteriormente transcrito, o tom é de euforia e desejo, misturado com a melancolia solitária, após o ato amoroso. Em pleno verão, no mês de agosto, o tempo para e gera a sensação de infinitude: “Neste instante sou imortal” (ibid.: 363). O desejo é saciado pelo sexo, como conota o verbo “morrer”: “morre-se em agosto na tua boca” (Andrade, 2005: 363). No entanto, a esterilidade permanece, na secura que também vitima as aves, animais que, em Eugénio, simbolizam tantas vezes a euforia, o canto do poeta e a liberdade.

Em suma, tal como em Whitman, também Eugénio eleva o corpo, hedonista e erótico, nunca inferior à alma. Num passo de *Rosto Precário* (1979), argumenta com firmeza:

A importância que o corpo assume nos meus versos radica no desejo de dignificar aquilo que no homem mais tem sido insultado, humilhado, desprezado ou corrompido, pelo menos de Platão para cá. (...) Só através do corpo nos poderemos erguer à divindade do que formos capazes, até deixar de ser, na frágil e precária luz da terra, o mais estrangeiro dos seus habitantes. (Andrade, 1995: 48)

Nesta perspetiva, sob o poder de Eugénio, poeta-Deus, a lei do paraíso surge subvertida: sem pecado original, não há lugar ao castigo; e sem castigo, a expulsão do Éden nunca ocorre, e o ser humano torna-se no inquilino — perpétuo ou instantâneo — de uma utopia agora com espaço e à medida humana. Neste sentido, Eugénio prolonga o pensamento de Whitman, e renova a ideia de um laço íntimo que une o poeta e a folha de erva; a folha de erva e a natureza; a natureza e o universo, numa filosofia do uno, tão querida aos transcendentalistas norte-americanos, dois séculos depois revisitada.

4. A física das partículas poéticas

Na Física moderna, existe uma linha de pensamento conhecida por Teoria Geral dos Sistemas, e que pode ser resumida num princípio: o todo é maior do que a soma das partes (Field, 2006: 28). Em inúmeras ocasiões, ao longo dos anos, pude verificar como esta lei se aplica quer à Escrita Criativa, quer ao Guionismo. Um texto é mais do que os elementos que o compõem: as personagens credíveis, o enredo cativante, os lugares com uma atmosfera própria, a estrutura temporal lógica, a voz narrativa mais adequada, os diálogos realistas, etc. Um bom romance ou guião apresenta algo de indizível, que resulta não apenas do conjunto dos componentes ou da forma como se articulam, mas os ultrapassa e os sobrepõe, criando a *alma* do texto.

Essa teoria também se aplica à intertextualidade: Eugénio não se limita a homenagear e a aludir a Whitman, a evocar e a citá-lo, num contexto endoliterário implícito ou explícito. O poeta *subverte*, quando cativa o menino de Whitman, que pergunta o significado da folha de erva, e o traz para o seu poema; quando contempla, de um arranha-céus, a ilha de Manhattan, e pensa nos campos de Póvoa de Atalaia; quando reconstrói o paraíso bíblico e o nimba com o simbolismo da folha de erva de “Song of Myself”.

Nessas ocasiões, reconhecemos os versos e ideias de Whitman e, no entanto, parecem-nos estranhos, porque são apropriados por outro autor. A polifonia não é, pois, a soma das vozes de dois poetas distantes no tempo e em margens opostas do oceano. Há algo maior, que a Teoria Geral dos Sistemas talvez explique. Pela minha parte, ignorante do mundo das partículas e das leis do universo, chamo-lhe simplesmente *poesia*.

Bibliografia

- ANDRADE, Eugénio de (1993). *A sombra da memória*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.
- (1995). *Rosto Precário*. 6ª ed. revista e acrescentada. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.
- (2005). *Poesia*. 2ª ed. revista e acrescentada. Posfácio de Arnaldo Saraiva. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.
- BRASAS, Juan A. Herrero (2010). *Walt Whitman's Mystical Ethics of Comradeship: Homosexuality and the Marginality of Friendship at the Crossroads of Modernity*. Albany: State of New York University Press.
- BURROUGHS, John (2004). *Whitman: A Study*. Whitefish: Kessinger Publishing.
- CASADO, Miguel (2005). “De tanto mirar: Notas al pie de algunos versos de Eugénio de Andrade”. In SANTOS, José da Cruz (coord.). *Ensaio sobre Eugénio de Andrade*. Porto: Asa, 275-285.
- COHEN, Chaim (2011). “Eden”. *The Oxford Dictionary of the Jewish Religion*. Ed. Adele Berlin, and Maxine Grossman. Oxford University Press, 228-229.
- CRÈVECOEUR, John Hector (2007). *Letters from an American Farmer: Describing Certain Provincial Situations, Manners, and Customs, Not Generally Known; and Conveying Some Idea of the Late and Present Interior Circumstances of the British Colonies of North America, 1782*. Carlisle: Applewood Books.
- CRO, Stelia (1990). *The Noble Savage: Allegory of Freedom*. Foreword by Aubrey Rosenberg. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press.
- FERRAZ, Eucanáa (out. 2004). “Eugénio: Animal Amoroso”. *Relâmpago: Revista de poesia* 15, 15-33.
- FERREIRA, António Manuel (2004). “Os Poemas em Prosa de Eugénio de Andrade”. *forma breve* 2, 59-70.
- FIELD, Syd (2006). *The Screenwriters Notebook*. New York: Bantam Dell.
- FOLSOM, Ed (1004). “Whitman Naked”. *Walt Whitman Quarterly Review* 11.4, 200-202.
- KILLINGSWORTH, M. Jimmie (2007). *The Cambridge Introduction to Walt Whitman*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEWIS, R. W. B. (1995). *The American Adam: Innocence, Tragedy and Tradition in the Nineteenth Century*. Chicago: University of Chicago Press.
- (1967). “The New Adam”. In MARX, Leo (ed.). *The Americanness of Walt Whitman*. Boston: D. C. Heath, 100-109.
- LOCKE, John (2002). *The Second Treatise of Government and a Letter Concerning Toleration*. New York: Courier Dover Publications.
- LOPES, Óscar (2001). *Uma espécie de música: A poesia de Eugénio de Andrade, seis ensaios*. 2ª ed., aumentada. Porto: Campo das Letras.
- LOURENÇO, Eduardo (2005). “A poesia de Eugénio de Andrade”. In SANTOS, José da Cruz (coord.). *Ensaio sobre Eugénio de Andrade*. Porto: Asa, 67-86.
- LUCHETTI, Cathy (1996). *I do! Courtship, Love, and Marriage on the American Frontier: A Glimpse at America's Romantic Past through Photographs, Diaries, and Journals, 1715-1915*. New York: Crown Trade Paperbacks.
- MANCELOS, João de (2009). *O marulhar de versos antigos: A intertextualidade em Eugénio de Andrade*. Lisboa: Colibri.
- MORÃO, Paula (dez. 1996). “A infância na obra de Eugénio de Andrade”. *Cadernos de Serrúbia* 1, 141-153.

- OLIVER, Charles M. (1986). *Walt Whitman: A Literary Reference to His Life and Work*. New York: Infobase.
- SARAIVA, Arnaldo (1995). *Introdução à poesia de Eugénio de Andrade*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.
- (2005). “O Génio de Andrade”. In SANTOS, José da Cruz (coord.). *Ensaaios sobre Eugénio de Andrade*. Porto: Asa, 56-58.
- STACKHOUSE, Thomas (2011). *A New History of the Holy Bible from the beginning of the world to the establishment of Christianity*. London: BiblioBazaar.
- THOREAU, Henry David (2008). *Walden, Or, Life in the Woods*. New York: Forgotten Books.
- VV.AA (2001). *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica.
- WHITMAN, Walt (1982). *Complete Poetry and Collected Prose*. New York: The Library of America.
- (1995). *Specimen Days*. New York: Dover Publications.
- WINTHROP, John (1996). *The Journal of John Winthrop, 1630-1649*. Harvard: Harvard University Press.

.....

RESUMO

Tanto a poesia de Eugénio de Andrade como a da sua referência influente Walt Whitman recriam um paraíso na terra, num ambiente bucólico, com abundância de plantas e animais. Contrariamente à imagem bíblica do Éden, neste novo paraíso, não há pecado: a sexualidade e erotismo são permitidos e celebrados como uma força cósmica. Como tal, não existe expulsão e um indivíduo pode regressar ao paraíso — na paisagem e na escrita. Neste artigo, examino as semelhanças, diferença e relações entre as imagens de paraíso criadas por Eugénio e Whitman, recorrendo à sua poesia, à mitologia e ao trabalho de vários ensaístas.

ABSTRACT

Both the poetry of Eugénio de Andrade and his influential reference, Walt Whitman, recreate a paradise on Earth, in a bucolic atmosphere, with numerous animals and plants. Contrarily to the Biblical image of Heaven, in this new paradise, there is no sin: sexuality and eroticism are allowed and celebrated as a cosmic force. Hence, there is no expulsion and one can return to paradise — both in landscape and writing. In this article, I examine the similarities, differences and relations between the images created by Eugénio and Whitman, resorting to their poetry, mythology, and to the work of several critics.